



Joana Carvalho Fernandes

Sair

Pesquisar

Os Meus Serviços

Agências
Estrangeiras (Uso Interno)

Arquivo Texto

Lusa Rádio

Serviço Agenda

Serviço Desporto

Serviço Economia

Serviço Global

Serviço Infografia

Serviço Internacional

Serviço Lusa Vídeo

Serviço Lusa Áudio

Serviço Lusofonia

Serviço Nacional

Pobreza/Lisboa: Natália trabalha 12 horas por dia, seis dias por semana, mas tem que pedir ajuda para comer



Número de Documento: 16175178

Lisboa, Portugal 26/05/2013 07:00 (LUSA)

Temas: Desemprego, ONG, Sociedade, população e censos, Deficientes, Família, Sem-abrigo, Pobreza, Assistência social, Assistência prolongada, condições de vida, problemas sociais, serviços sociais

*** Por Joana Carvalho Fernandes, da agência Lusa ***

Lisboa, 26 mai (Lusa) – Natália Pinto, de 46 anos, vive em Lisboa com um filho menor, que tem a cargo, e, mesmo trabalhando 12 horas por dia, seis dias por semana, precisa de pedir ajuda para comer.

“Trabalho o máximo que posso, faço horas extra, trabalho em dia de folga, aproveito todas as oportunidades para ganhar mais algum dinheiro, mas as despesas são constantes, e o meu ordenado – de pouco mais de 500 euros – não chega para tudo”, conta à Lusa esta vigilante numa empresa de segurança privada.

Natália Pinto completou o 9.º ano de escolaridade. Vive na Penha de França com um filho adolescente, que ainda estuda. Ajuda “como pode” o filho mais velho, de 28 anos, que, embora já tenha saído da casa da mãe, está desempregado.

Pelo apartamento que arrenda, Natália paga 400 euros, fora eletricidade, água e telefone. De segunda a sábado, levanta-se às 05:30, sai de casa às 07:00, e regressa às 21:00.

“Ajudas”, diz, “só o abono do miúdo, que é de 42 euros”, e a ajuda alimentar que recebe da associação Auxílio e Amizade. Esta mãe chegou à associação “por desespero”, quando o subsídio de desemprego chegou ao fim.

“Fiquei desempregada em 2009. Nessa altura era gerente de uma loja de roupa. Enquanto recebi o subsídio de desemprego nunca fiquei parada, trabalhei como assistente operacional na área da Educação, com uma bolsa do centro de emprego”, contou.

Durante mais de três anos, perdeu a conta aos quilómetros que fez, “de loja em loja, de pastelaria em pastelaria”, a entregar currículos e a pedir emprego. “Nada, não encontrava nada em lado nenhum”, recorda.

Quando deixou de ter direito ao subsídio de desemprego, “chegou a não ter um pão para comer, nem para dar ao filho”. Entretanto, conseguiu um trabalho precário como empregada de limpeza numa empresa privada e, “fazendo um esforço muito grande”, pôs de parte dinheiro para tirar um curso de vigilante de segurança privada certificado pelo Ministério da Administração Interna.

No dia 18 de fevereiro deste ano começou funções no novo emprego. Diz que é “feliz no que faz”, mas que a sua vida não está ainda como ela gostava que estivesse.

“Praticamente deixei de comer para pagar o meu curso, estou agora a repor rendas da casa que tinha em atraso, preciso de ajuda para comer, e, por exemplo, este mês não consegui pagar o passe para ir trabalhar, é de um dia para o outro que vejo como compro o bilhete”, disse.

Natália não esconde também que sente “uma revolta muito grande” para com o Estado: “Eu esforço-me, sou trabalhadora, e nunca ninguém me deu nada. Vejo que cada vez há mais pobreza, e que não há nenhum critério para a atribuição de ajudas. Por exemplo, nunca consegui ter acesso a uma renda social e vejo muitas pessoas que não trabalham, que nunca se esforçaram para trabalhar, a terem direito a casas pelas quais pagam um quarto daquilo que eu pago pela minha”, concluiu.

JYF// ZO

Lusa/fim.



EUROPHOTO



